

# Telefonema

Ao Maurício De Bonis

Willy Corrêa de Oliveira

Hesitei ainda, já no interior da cabine telefônica na esquina da Rade, em Toulon, mas num átimo de resolvida decisão final digitei a fileira enorme de números de códigos de cidade, país e ouvi a voz que atendia sumida, do outro lado da fronteira. “Alô, Alô, Alô”, e coloquei – lesto – o telefone no gancho. Taciturno, abandonei a cabine, e caminhei pela Rade: a mirar os barcos, as gaiotas escandalosas, a tarde declinando.

Há décadas não via, não trocava carta com o Pousseur. Ele, exímio epistológrafo, eu, o mais importuno escrevinhador de cartas. E não retornara à Europa. Pois, no início da década de setenta quando entrei para a USP, me ocupei mortalmente com a construção do curso de composição que se inaugurava. Exaustivo trabalho – canibal de todas as horas. E ainda a expandir as horas no lufa-lufa do dia a dia, classes de todas as classes, de teorias várias, posto que éramos só dois *in illo tempore* no departamento de música, o Toni e eu. Por causa da natureza da tarefa, amiudadamente lembrava-me do Pousseur – luz veemente – a iluminar aquele **trabalho** que enfrentava, a robustecer a vontade que se convertia no suor de meu rosto, mas, terrível, não iscava “tempo” para escrever-lhe dizendo de seu sopro sobre nós. Ao modo do escorpião de Orson Welles: “meu caráter”... Pena. Meses e anos escoaram – sem trégua – como costuma, sem prazo para levezas: para trás ficara a exaustão da subida, porém seguida das intempéries da planeza.

Bem no final dos anos setenta foi a vez do estado de consciência, da ingente precipitação anímica. Não havia chão, não havia ar. Descompasso. Cara ou coroa. Morte/vida. Tudo, nada.

Cara a cara com o meu duplo (até então ausente, ignorado) à borda do precipício, rente à parede úmida, em ruína, ele me encarava (escancarando nossa única alma), e dizia-me, com precisão: “Você é comunista, mas não tem obra comunista”. Estrebuchava-me, tolhido por tão determinante questão de consciência. “Não, não tenho uma obra comunista”, respondi, sem intentar me defender. Nem carne, nem peixe.

Meu espírito se perfazia perfeito em um eco das palavras de Hanns Eisler: **“Pois a arte burguesa não é universal (*tout court*), é, outrossim, a arte da classe dominante”**. Andava a ler (muito) Brecht e Giulio Girardi e Eisler. Lá se deram as mãos e me acudiram: ampliava-se a revelação. De inopino, me desfazia dos GOSTOS cinzelados em mim ao longo da vida inteira. Por trás da exterioridade de tudo (artes e manhas) assomava, clara, a ideologia burguesa (essa prisão invisível, disse Girardi). Até mesmo sinais do mundo exterior (na aparência, inocentes) tinham sido anotados e revisados para uso da ditadura do capital – apelidada de “democracia”, por eles mesmos. Antes do amanhecer acordei com vascas de vômito por Chopin, Bach, Joyce, Mallarmé, a música de vanguarda. Vã guarda! Essas ideias decisivas, alhearam-me vigorosamente de Pousseur: sentia-me alheio dele como se habitássemos planetas de espaços comunicáveis. A ideologia pode não explicar tudo, mas TUDO permeia. Naquela hora era como se houvera implantado RAIOS X nas antecâmaras dos ouvidos, dos olhos, do coração, enfim. Enxergava com nitidez matizes intransparentes que serviam de máscara para tornar encantadora a peçonha dosada – com desamor – contra a imensa maioria. Mesmo Bach, Chopin, nas mãos da classe dominante se transmutam em HORROR, em ÓDIO.

Pois bem, os anos corriam; passei-os em agonia com o tempo pouco para tanta tarefa almejada: conhecer em profundidade as manifestações artísticas do POVO. Princípiei pelas Américas, país por país, e após a afanosa busca de tatear os mais desconhecidos rincões do mundo. E, também, ansiava por compreender o que se passava com as artes nos países socialistas. Nossa música erudita estava fora de questão: tanto a do passado, como a da extemporânea música contemporânea. Não ocorria então no corre-corre lembrar-me de Pousseur (inolvidável mestre), por mais excruciante que seja dizê-lo aqui.

Depois, depressa, veio o dilúvio do desmoronamento da União Soviética, a asquerosa derrubada do Muro de Berlim, o vórtice do renascimento fascista (por toda parte). Socorreu-me então uma inevitável necessidade de escrever música erudita outra vez. Tão irrecusável quanto fora tê-la abandonado, antes. Sabendo, agora, por entre escombros, que escrever música adquirira um sentido novo: sobreviver à recente catástrofe; e resolver **exigências** acumuladas ao longo de tantos anos de aprendizado, de dilaceramentos e agudas tensões inerentes a um mundo insolvente: Perturbações atravessadas, extravagadas, atravancando as malas pesadas que carregamos. Um quilo de contradições pesa mais que um quilo de chumbo. Sem dúvida: parte considerável das exigências atuais incumbem-se da separação de joio do trigo; e foram-me transmitidas por Pousseur. Outras não. Outras (sim) vieram do Toni: e são estórias de outro escrito. O fato é que escrever música passara a ser a divisa de um eu diviso: parte flutuando no espaço para além da gravidade, para manter vivo a parte do mesmo ente que se move (em perplexidade) aqui na Terra. Vê-se porque (incontinenti) desliguei o telefone no primeiro sinal da voz que atendia, do outro lado, na Bélgica.

Antes de prosseguir com tudo o que eu teria gostado de ter dito no baldado telefonema para Pousseur, mestre imprescindível que vislumbro como minha consciência musical e inquietude do ouvido de meu espírito – devo atalhar por uma bifurcação mais remota, porém, a mais direta que – em linha reta – inicia-se pelos fins dos anos cinquenta:

Ecos dos feitos dos jovens compositores serialistas (Stockhausen, Boulez, Pousseur, Berio, Nono) como **Música Nova**, **Vanguarda**, *dernier cri* chegaram até nós aqui em São Paulo, possivelmente por Júlio Medaglia, ou Rogério Duprat. Não havia internet. Ecos tais, pachorrentos, retardavam-se no caminho e quando por aqui aportaram (algo já amortecidos), achávamos que eles ainda estavam praticando a serialização total. Estudávamos aquilo, alarmados. Já em Darmstadt, em 1962, constatamos que eles já haviam abandonado a generalização da série, por totalmente infecunda em sua total generalidade. Natimorta. Se eu soubesse então o que sei hoje teria dito o que escrevo agora: careciam de circunspeção e juízo: como se a falta de seriedade do mundo burguês fosse substituível pela idealização remota da generalização da série. Como se quiséssemos conjurar a tragédia das relações sociais sob a ameaça capitalista por cálculos de probabilidades dotados de alturas, intensidades, timbres e durações. Estava visto que o que se ouvia era aridez e esterilidades. Previsibilidade (a despeito de tanta informação, musicalmente informe). A “vanguarda” extraviada, perdida. De algum modo perturbavam-se eles. Turbados, ansiosos, observavam agudamente o que os alunos produziam nas mostras de seus trabalhos. John Cage já havia passado por Darmstadt com David Tudor a tiracolo que tocara a *première* de 4'33”, com sua Kodak munida de *flash*. Circulava certo neo-dadaísmo *made in USA*: troam na Europa os hinos da vitória que o capital e a CIA, dos europeus houveram. Misticismos orientais (e de outras orientações) rondavam no ar como música-incenso que o ocidente buscava do oriente como respiráculo, oráculo. Assisti ali, também, eufóricas colagens musicais: como colchas de retalhos: umas vistosas, outras triviais, enfadasas.

Dentre os professores, alguns reprovavam baixando as sobrancelhas e estreitando os lábios; outros comandavam

as sobrancelhas para o alto e sorriam indulgentes. Pousseur apregoava que era necessário indagar da História sobre a vitalidade do espírito que animara as realizações férteis ao longo de suas transformações. Esse feitio de escutar e ponderar sobre a mostra dos alunos (sem recorrer ao uso das sobrancelhas) calou-me em cheio.

Dentre os cursos que atendi em Darmstadt, o do Pousseur foi o que se perfilou em mim como verdadeira coluna vertebral: soerguer-me sobre os dois pés e andar: consciência do anélito de minha vontade musical incôscia ainda. Devido não só ao curso em si (sorte de acesso ao exame imediato da música como semiologia íntegra a partir dos elementos e substâncias da própria matéria musical), e também, e muito, pelas respostas a tantas perguntas que se situavam em órbitas paralelas que se moviam para acolá das aulas. Veemente vocação peripatética. Sempre disposto – a qualquer momento – a vir em auxílio, era infalível sua transparente boa vontade para com todos. Ele tinha o dom de pensar. No mais lídimo sentido filosófico. E de escolher a palavra, a única: a mais acertada para expor e provar o acerto do caminho tomado. Por dois anos inscrevi-me em seus cursos ministrados em Darmstadt. E graças a seu longânime espírito camaradeiro, pude reencontrá-lo em Bruxelas, em Malmedy para mais lições: ouvi-lo pensar (como exatos temas para variações).

Relembro. Uns dias após o início das aulas, eu estava no pátio com alguns colegas, e, eis que se aproxima Pousseur do nosso grupo, levanta os braços e saúda-me exclamando “*Vive le Brésil!*” Agradei, alcandorado, meio sem graça. Outro dia novamente, a mesma calorosa saudação. Tive a ideia de surpreendê-lo com um agradecimento à altura “*Vive la Belgique!*” E ele com careta de desagrado (patente!) me diz: “Não diga nunca isso! A Bélgica não merece. Somos um horroroso país imperialista. Nefasto. Até inventamos uma ‘família real’... Vocês, sim, estão dando um exemplo, para o mundo, de: NÃO AO CAPITALISMO.” Ele acompanhava com felicidade transluzente a movimentação popular que se inflamava pelo Brasil antes do golpe (de 1964). Falava disso amiúde. Era um apaixonado anti-capitalista. Vibrava com o coração inteiriço em louvor de todas as expressões de recusas à idolatria do dinheiro, à sujeição do próximo, ao vício da propriedade, à competitividade (que estrofia as relações humanas). O anti-capitalismo era o imo de seu olhar para o mundo. Dominava-o um imperioso empenho contra o “humanismo da desigualdade” como ele chamava o “humanismo” burguês. Generoso, solidário, era Pousseur. Daí sua solicitude em nos auxiliar a todos que se acercavam dele. Um solidário fanático.

Havia em Pousseur uma luz que clareava qualquer escuridão: o entusiasmo. Qualquer tema que viesse à tona: filosofia, matemática (!), cinema, política, literatura, música: tudo movia-se vertiginosamente no arrebatamento com que se entregava; e nos contagiava. Tanto, tanto, que as matérias que ele praticava, a gente buscava como se tivessem sido preocupações muito nossas, de há muito. Por uns tempos andei enredado em álgebra... Recordo o quanto mergulhei em Mozart, Monteverdi, Ernst Bloch. Desarmado, fui à cata do *Roman Nouveau*, de Butor. O entusiasmo de Pousseur contagiava como o riso, a luz, o bocejo (após o almoço em tardes quentes, de verão).

De uma feita, Pousseur decifrava ao piano uma pequena peça vocal do Dufay, e dizendo de singulares, notáveis relações que ele apreciava em diáfana vinculação com o “Retrato de uma jovem”, de Petrus Christus, exaltado, numa corrente tonalidade filosófica que, dir-se-ia, era sua língua materna, e decorria assim: como se ele não se apercebesse que eu estava ali, ao lado do piano, em pé, e mais eu observava aquela cena de que compreendia o que – de fato – se passava, sem decifrar; e num relance, ele olha para mim, o sorriso feliz, como a compartilhar a **revelação**, e hesitei (por um átimo), mas fingi que compreendia (com a resposta de sorriso propício).

De outra: Após tão pousseurianas sindicâncias sobre o percurso do desenvolvimento de um sinfonia de Mozart, ouvíamos – reverentes – uma gravação. Um cataclisma possivelmente não me desarranjaria a

concentração com que acompanhava as modulações: O inusitado das epifanias temáticas, os contextos, contingências, o equilíbrio instável. Inesperadamente ouço a interferência de uma interjeição álaçre e pânica (coexistentes em uma só eventualidade), e, esperto por algo ainda inexplicável: “- *Voilà! Bien!*”, volto-me para ele, e sua expressão de felicidade, a apontar para a tampa do piano, e vi um inseto pequenino. Ditoso, ele extasiava-se com a fragilidade e proporções dos movimentos que cumpria aquele tão diminuto ser vivo.

*Envoi*: Obrigado Pousseur, pelo exemplo vivo de um artista generoso e sábio em um mundo de mortos.

Obrigado pelo curso *Allgemeine Periodik* (em especial), e pela *Apostrophe et six réflexions*  
por Mozart  
por Ernst Bloch  
por Hölderlin

The Art Reynolds Singers

Willy Corrêa de Oliveira  
São Paulo, 5 de janeiro de 2020